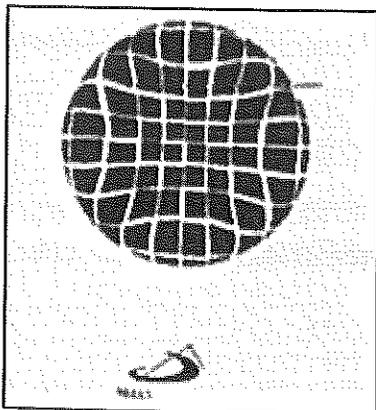


**ÉTICAS TEOLÓGICAS
ONTEM E HOJE**

JOSÉ VICO PEINADO



As formulações da Ética Teológica mudam, porém não de maneira arbitrária. Busca permanentemente a identidade e a relevância, uma vez que a consistência cristã tem vocação histórica e necessita estar continuamente encarnada. Não pode abandonar a história.

Éticas Teológicas ontem e hoje (204 páginas) de José Vico Peinado está dividida em quatro capítulos. O primeiro, de corte introdutório, trata de apresentar o problema ético e ético-teológico. Segue-se um capítulo em que são tratados os modelos éticos nos quais se expressou a teologia do passado. Os outros dois capítulos são dedicados aos modelos éticos do presente.

Éticas Teológicas ontem e hoje que acaba de sair pela PAULUS Editora é uma introdução às propostas atuais da Ética Teológica. Oferece profusão de textos nos quais está o que há de mais seleta na Reflexão teológico-moral do momento.

O presente livro, dividido em quatro capítulos, empreende o percurso feito pela ética teológica: conceito, história, atualidade e perspectivas para o futuro. Esse trajeto é feito com muita clareza na exposição, com otimismo na apresentação da temática e um extraordinário conhecimento e manejo da bibliografia mais atual. Além dos inúmeros textos ao longo da exposição, as notas bibliográficas foram reunidas no final de cada capítulo, tornando o livro mais ágil e permitindo ao leitor acompanhar o que há de mais atual no campo da reflexão ética de ontem e de hoje.

José Vico Peinado nasceu na Espanha em 1945. Foi ordenado sacerdote claretiano em 1971. Realizou estudos de especialização em Teologia Moral na Pontifícia Universidade de Comillas, em Madri, e na Academia Alfonsiana, em Roma. Os longos períodos vividos na América Latina permitiram ao autor ter uma visão ampla e profunda da reflexão moral feita neste continente. É autor de vasta obra bibliográfica.

**50 ANOS PARECE QUE FOI ONTEM.... E NO
ENTANTO, É TÃO LONGO QUANTO A
ETERNIDADE. UMA ETERNIDADE QUE APAGA
OS VESTÍGIOS E EMBOTA A MEMÓRIA**

Diane Kuperman

Este é o ano do cinquentenário do término da Segunda Guerra Mundial. Filmes, palestras, documentários, encenações teatrais, livros. Todas as formas de comunicação foram usadas para relembrar episódios dramáticos ou heróicos da II Grande Guerra...

E, no entanto, quem é que sabe citar com precisão quais os países envolvidos, e de que lado.

A maioria dos jovens ficam surpresos ao serem informados que Estados Unidos e União Soviética eram países aliados, acostumados que estão, ou melhor, estavam, ao ver os dois países antagonistas.

Mais alguns anos de perestroika e ninguém mais vai se lembrar dos enfrentamentos entre os dois países, nem numa Guerra Fria.

E não podemos ser céticos em relação a este misto de esquecimento e ignorância.

No fim de semana retrasado, fui fazer uma palestra para um grupo de quase 300 jovens universitários reunidos em Búzios, por iniciativa da Federação Israelita do Rio de Janeiro. A palestra era sobre os conflitos do Oriente Médio segundo os relatos da mídia. Todos jovens judeus, assumidos como ju-

deus já que participantes de um encontro judaico. A grande maioria interessada e engajada já que abandonara os atrativos das mil brincadeiras oferecidas pelo hotel e até do jantar que já começava a ser servido. Em suma, não se tratava de pessoas alienadas nem ignorantes. A grande maioria, para não pecar por excesso ao afirmar a totalidade, estudou em colégio judaicos ou participou de movimentos estudantis que, em tese, ensinam a história moderna de Israel. No entanto, ao falar das guerras de Suez, dos seis dias, recebi um bilhete de minha filha "mãe, diz algumas palavras sobre elas. Ninguém sabe do que está falando" ...Confirmei a informação com o plenário, fiz as contas e chegamos juntos à constatação de que esses jovens universitários eram recém-nascidos na guerra do Yom Kipur, se já tivessem nascido....

Não é desculpa, reconheço.... Mas é fato!

E, se gente em princípio esclarecida, desconhece os fatos de sua história mais próxima, é preciso tomar muito cuidado com o uso que se faz.

Naquela mesma semana, vivi uma experiência diametralmente oposta: o instituto Goete promoveu um festival do cinema nazi. Um encontro exclusivo, com pessoas escolhidas a dedo, para análise da propaganda nazista através do cinema. Soube do encontro e me fiz convidar. O público, excetuando-se os 3 judeus infiltrados, entre eles Helena Lewin que se manifestou ontem na plenária, era composta de 12 a 15 jovens, brasileiros, nem todos conhecendo alemão ou entendendo de cinema. Mas todos, sem exceção eram profundos conhecedores do nazismo, colecionadores de insígnias. Sabiam de cor todas as armas e patentes, reconheciam pelo uniforme a que armas e a que seção pertenciam soldados e oficiais, citavam dados precisos e preciosos, inclusive de tentativas de proibição de publicação ou circulação de livros nazistas...

Atitudes diferentes de jovens da mesma idade, cuja diferença de postura se deve ao trabalho seletivo da memória. Uma memória que absorve milhares de informações a cada dia e as descarta porque, quando precisar de alguma saberá onde encontrá-las. Um exemplo prosaico: Eu sempre tive uma memória prodigiosa. Hoje, recuso-me a guardar números de telefones. Quando precisar, sei onde encontrá-los... Acho até que é por isso que ela deixou de ser prodigiosa...

Agora, uma pessoa interessada em determinado assunto, vai armazenar e lembrar tudo aquilo que diz respeito ao tema do seu interesse.

Os jovens universitários judeus já ouviram falar milhares de vezes dos conflitos do Oriente Médio, fizeram trabalhos e discutiram a respeito, mas os confundem todos passado o trabalho obrigatório.

Já o jovem universitário simpaticante do nazismo, vai procurar e guardar tudo aquilo que lhe interessa...

Mas há uma terceira categoria que gostaria de levantar aqui: a que não lembra, por não querer lembrar e que tudo fará até para mascarar aquilo que não deseja lembrar. E esta categoria é, para mim, a mais perigosa pois, se o tempo embota a memória, o tempo embota ainda mais a memória mal esclarecida ou transformada.

Explico-me melhor: a constatação do assassinato **sistemático** da memória judaica. Pesquisei em meus livros, da antiguidade aos tempos modernos. Em todos os livros escolares; o silêncio mais absoluto.

Ao estudar a história do Egito antigo, em qualquer lugar do mundo, quem se lembra de ter aprendido a história de José no Egito? E o êxodo? Fora da Hagadá de Pessach, quem aprendeu nos bancos escolares a história de Moisés, das pragas, da saída do Egito, da abertura do Mar Vermelho? Todo

mundo conhece a história dos dez mandamentos. Afinal, ela é ligada à história de toda a civilização ocidental... No catecismo ou nas aulas de judaísmo, todos pelo menos já ouviram falar disto tudo. Mas ninguém os aprendeu nos bancos escolares. Nem nos livros de história das minhas filhas, aqui no Brasil. Nem nos livros de história francesa, nem nos livros de história que estudei no Egito. Lembro-me que na parede do templo Ramses, havia a história da saída do Egito. Os contemporâneos fizeram o registro porque talvez, ainda na época, não havia esse pacto do silêncio. Mas o tempo se encarregou de apagar, se não nos registros, pelo menos as citações posteriores.

A destruição do Templo em 70 só é citada por Josefo, e nunca retomada... Será fato que só interessa aos Judeus? Ora, se as guerras de conquistas romanas são intensamente estudadas, porque omitir a que foi considerada a mais difícil dentre todas?

Ataques esporádicos, é compreensível que sejam omitidos. E, na verdade, até o século XI, não se registram grandes manifestações conjuntas contra os judeus. Há os casos repetidos anualmente em muitas cidades da Europa, entre domingo de ramos e segunda da páscoa, era comum a prática de enlamear todos os judeus que os cristãos encontravam pela frente.

Em Toulouse, na França, toda sexta-feira santa, o Conde de Toulouse esbofeteava anualmente o chefe da comunidade judaica da cidade. São os fatos curiosos que só serão encontrados em livros de pesquisa judaica. É de estranhar tanto o ato como a aceitação que deveriam ser citados a título de ilustração da mentalidade da época.

A primeira cruzada será o marco do silêncio, não revelado nos livros escolares. É que, no caminho para a terra santa, os cruzados eliminavam sumariamente os judeus que encontravam pelo caminho. Mas não encontrei nenhum registro à respeito, exceto nos livros com temática judaica. E este silêncio, será repetido ao longo da história e nos livros de história.

Silêncio sobre a Inquisição

Será preciso estudiosos judeus para revelar ao mundo todas as atrocidades. Elas estavam aí, todas devidamente registradas nos processos de Inquisição, disponíveis na Torre do Tombo em Portugal onde tantos de nós pesquisamos. No entanto, qual vai se tornar o maior símbolo da Inquisição, o mártir das fogueiras da Inquisição?... Joana d'Arc, transformada em Santa...

No mundo do Islam registramos o mesmo silêncio. Quais os livros árabes que lembram os grandes ministros, médicos, financistas, comerciantes?.

Maimonides, por exemplo, não é citado por ninguém, embora reverenciado e respeitado. Nem muçulmanos, nem cristãos falarão de Maimonides nos seus livros científicos. E justamente esta ausência serve de argumento como o usado por Angel Alcalá durante o Congresso América 92.

“Maimonides foi invenção dos judeus. Já que nenhum dos escritores cristãos reconhecidos da época faz menção, isto é prova de que ele não tinha o reconhecimento que lhe é atribuído hoje...”

Mayer Farhi, o Moalem, o mestre, conselheiro e ministro de Suleiman Pacha, homem forte de regime, perdeu sua fortuna na queda do Bey da Turquia. Seu sucessor Abdallah mandou encher a piscina de moedas de ouro, sem o que a encheria de cabeças judias decapitadas. Conseguiu enchê-la de ouro e entregar a Abdallah que, não satisfeito, mandou-lhe cortar primeiro o nariz, depois as orelhas e finalmente, a língua, sem jamais dispensar os seus serviços. Só depois de velho e devidamente explorado, foi enforcado!

Esses dados são verbetes de Enciclopédia Britânica.

Não encontrei referência a episódios judaicos nos meus livros de história sobre o Império Turco Otomano, onde os judeus foram tão influentes e ativos em todos os campos das artes e do saber. Esse silêncio não é o assassinato da memória e da própria cultura?

Como também os russos nunca aprenderam, nos bancos escolares, o que fizeram com os judeus em relação ao antisemitismo nem o papel dos judeus comunistas.

Como não há nenhuma menção da condição judaica de todos os mortos de Auschwitz. Na Lápide do monumento aos mortos, estão gravados os nomes e as nacionalidades de todos aqueles que morreram ali. Só que quem morreu ali, não foi por causa de sua origem pátria, mas de sua origem JUDAICA...

Quem, dentro de uma ou duas gerações, irá se lembrar de quem eram judeus?

Ainda nesta geração verificamos Lech Walesa, o presidente polonês não mencionar uma só vez a palavra judeus durante seu discurso sobre o cinquentenário de Auschwitz. Foi preciso o Prêmio Nobel da Paz, Elie Wiesel, protestar e exigir a menção para que, no dia seguinte, Walesa se referisse ao Holocausto.

O HOLOCAUSTO será um capítulo à parte no assassinato da memória e dos judeus da Europa e o silêncio será usado como alibi para justificar a omissão. “Não sabia, não sabíamos” serão as afirmações recorrentes desde o julgamento de Nuremberg até nossos dias. Só que neste caso, ninguém em sã consciência pode alegar que não sabia.

A imprensa européia e, mesmo, a mundial, notícia as medidas segregacionistas adotadas por

Hitler antes da II Guerra Mundial. Os discursos de Hitler são públicos. Ninguém podia alegar desconhecimento, por mais alienado que fosse. Mas ninguém reage.

A conferência de Evian em 1938 reuniu 32 países para estudar a questão da imigração judaica, sem nenhum resultado prático além de reforçar em Hitler a certeza de que o chamado mundo livre também queria se ver livre do judeus...

Em abril de 43, outra conferência internacional, nas Bermudas, coincidindo com o levante do Gueto de Varsóvia, também nada resolveu...

Depois de desvendado, no término da guerra, O Holocausto se tornou sinônimo de silêncio... Silêncio, em torno do que aconteceu. Silêncio dos próprios judeus que levaram pelo menos 40 anos para ter coragem de falar e gritar ao mundo o que aconteceu. Silêncio de historiadores e pesquisadores que, assombrados com a alta tecnologia, a burocracia e a precisão da máquina começaram a estudar documentos quase em segredo. Silêncio de sobreviventes, de testemunhas, de participantes até que o silêncio foi sufocando a todos e explodindo como uma panela de pressão mantida muito tempo, tempo demais em fogo lento...

E começou a explosão de depoimentos, desmentidos, estudos, pesquisas, revelações, livros, filmes,

celeumas... Explosão que incomoda mais do que o silêncio mas cujo resultado é também questionável. Já ouvi de acadêmicos expressões de saturação. O excesso de produção sobre o mesmo assunto acaba anestesiando a sensibilidade, diminuindo o interesse. É uma outra forma de assassinato.

Ouvi outro dia, de colega de turma de minha filha de 13 anos, a pergunta “o que é holocausto?” Ora, com o bombardeio de filmes sobre o tema, como alguém da geração televisiva pode ignorar o que seja holocausto, e no entanto ignora. E esta menina comprava a pesquisa realizada nos EUA por ocasião da inauguração do Museu do Holocausto em Washington: 38% da população e 52% dos jovens americanos de High School alegaram nada saber sobre Holocausto. 26% afirmaram não acreditar na matança de 6 milhões de judeus.

Isso também é uma forma de memória.

Informar ou não informar? Esta não é questão. A questão é o quê e como informar. Não propugno a censura da informação, muito pelo contrário. Mas sou a favor da busca da qualidade da informação, esta sim, única forma de impedir o assassinato e o enterro da memória.

Um pequeno exemplo: no final do ano passado foi PEDIDO à ONU que os terríveis acontecimentos de Ruanda sejam incluídos na

categoria de **genocídio**. A justificativa é de que, assim, os culpados poderiam ser acusados de crime contra a humanidade. Ora, que sejam processados e condenados os responsáveis pela fome e pelas mortes de Ruanda. Mas não se pode nunca considerá-las genocídio. Porque genocídio, termo criado pela ONU para qualificar o Holocausto, significa o objetivo político de eliminar todos os membros de uma raça, até que o último representante, sem distinção de idade ou de sexo. Ora, isso só ocorreu com o nazismo, querer aplicá-lo a Ruanda é querer desvirtuar o termo, banalizá-lo, o que, aliás, já vem ocorrendo. Usa-se o termo genocídio para qualquer matança de vulto. Não entro aqui no mérito moral da matança. O assassinato de um ser humano é tão grave quanto o de milhares ou milhões de pessoas. Mas o que ocorreu com os índios, com os russos, com os afegões, com os biafreses, com os ruandeses, é um crime contra a humanidade, mas não é genocídio... Admitir a aplicação indiscriminada de único genocídio reconhecido pela História é compactuar com o jogo do silêncio. É assassinar a memória. Quando se alega que, durante o Holocausto morreram mais não judeus que judeus e que não há porque exigir a exclusividade da mortandade. É preciso lembrar que os judeus nunca quiseram se trans-

formar nos mártires da II Guerra Mundial mas que os fatos estão aí, à disponibilidade de todos: os 10 mil poloneses mortos em 39-40 pelos nazistas o foram por motivos políticos, para quebrar uma possível resistência; o milhão e meio de prisioneiros de guerra soviéticos foi morto como tática de guerra para aniquilar a força inimiga; os doentes e deficientes eram eliminados por economia de guerra - menos bocas para comer e menos gente para cuidar. E até mesmo os ciganos, raça a ser totalmente exterminada, não tiveram o mesmo destino nem os mesmos meios empregados para o extermínio dos judeus: foram eliminados à medida que encontrados. Enquanto que os judeus deveriam ser apanhados nos quatro cantos do mundo e levados até os campos da morte para sua aniquilação total.

Mas o nosso tema não é a Shoah, nem a Segunda Guerra, mas os 50 anos depois.

A guerra faz 50 anos (não posso usar o termo festa!), O quase extermínio dos judeus também, a ONU faz 50 anos. 50 anos lembrados no ano oficial da Tolerância marcado pela Intolerância.

Perdoem a minha contundência. Mas este é o fórum em que todas as incompreensões têm que ser postas a nu. Não podemos, no âmbito do diálogo, fazer de conta que está tudo bem, em nome de evitar mágoas ou de preservar o

diálogo. O que vou dizer agora não tem nenhuma pretensão de agressividade, mesmo que a alguns possa parecer. A minha crítica é puramente construtiva. Uso o foro do diálogo e da fraternidade para pedir a eliminação de certas arestas que impedem o diálogo mais franco e aberto.

Foi dito ontem que é no respeito às diferenças, no reconhecimento das especificidades que o caminhar junto se torna uma realidade palpável. Só que reconhecimento e respeito só ocorrem com o conhecimento dessas diferenças e especificidades.

Refiro-me aqui a outro exemplo de assassinato da memória: é a descaracterização de marcos do Holocausto. Todos se lembram da celeuma que provocou a instalação de convento das Carmelitas em Auschwitz, anos atrás. A grita foi tanta que as carmelitas desistiram. Mas a Cruz gigantesca permaneceu plantada lá. E, agora, está sendo construída uma igreja. E não vejo protesto algum e pergunto: construir uma igreja onde morreram milhares de judeus não é contar com a ação inexorável do tempo e transformar o Holocausto de judeus em martírio de cristãos? Matar um povo e apagar seus vestígios é pior que um assassinato duplo: é um crime contra a humanidade. É o assassinato da memória, da história e porvir...

Estuda-se a beatificação de PIO XII, quando seu papel na Segunda Guerra ainda não foi totalmente esclarecido. Sei que há inúmeros estudos para o resgate de sua memória na tentativa de estabelecer que não foi omissos em relação aos judeus. Mas os fatos falam por si: seis milhões foram mortos sem que o Vaticano se manifestasse contra... Não será o caso de repensar a canonização antes de provocar novo celeuma, como a que a quase beatificação de Isabel a Católica provocou?

Afinal a canonização de Isabel não seria a primeira de um rei sanguinário. São Luiz, Rei da França, Rei bondoso que admirava em meus livros escolares, foi um dos maiores perseguidores de judeus em nome de sua fé...

Para terminar, uma cobrança provocada pelo ato de tolerância de um pastor evangélico. Estão muito frescos na memória de todos os presentes os pontapés dados pelo Pastor Helde à imagem de Aparecida. Imediatamente o Rabino Sobel levantou-se em protestos contra tal atitude. Representantes e membros das comunidades judaicas manifestaram-se contra esse gesto odioso. Essa solidariedade instantânea deve servir de exemplo sempre que surge um ataque a qualquer que seja o grupo atingido. Não podemos ter uma atitude de indiferença para com uns e de engajamento para com outros.

Esta deve ser uma bandeira do Diálogo: defender minorias, protestar sempre contra qualquer ataque feito a grupos indefesos.

Lembro que, quando da explosão da bomba contra a Association Mutual Argentina, em Buenos Aires, com mais de 90 mortos, a maioria não judeus, promovemos imediatamente uma reunião do diálogo na minha casa para, em nome do diálogo, lavar o protesto que nunca foi publicado ou divulgado por falta de assinatura da parte cristã.

A ausência de responsáveis dispostos a assinar o manifesto caricoca foi explicada posteriormente como resultado de sua série de mal entendidos desencontros mas é fato que não se pode repetir. E já estava se repetindo pois, se estão lembrados, quando a igreja do Bispo Edir Macedo atacou os umbandistas, a igreja católica não quis se imiscuir na questão nem se manifestar contra as agressões. E os

judeus que se manifestaram isoladamente foram taxados de “umbandistas” e diretamente implicados. Ora, se escolhermos o grupo a quem devemos defender, corremos o risco de como na história da Segunda Guerra:

Quando vieram buscar os judeus, eu nada falei, porque não sou judeu...

Quando vieram buscar os homossexuais, nada falei porque não sou homossexual

Quando vieram buscar os ciganos, nada falei, porque não sou cigano...

Quando vieram me buscar, ninguém falou por mim porque não havia mais ninguém...

Diane Kuperman é Doutora em Comunicação pela UFRJ e Membro da Associação Religiosa Israelita - RJ

NOSTRA AETATE - 30 ANOS DEPOIS

Irmã Alda

Recordar este documento, ou seja, esta DECLARAÇÃO, assinada há 30 anos atrás, a 28 de outubro de 1965, por 2.221 Bispos da Igreja Católica, de todo o mundo, entre 2.312 votantes, segundo as estatísticas do Concílio Vaticano II, equivale a reportar-nos a essa época e às circunstâncias que a motivaram: a inquietação com a situação da Igreja interna e externamente, levam o Papa João XXIII, de feliz memória, a convocar aquela augusta assembleia, cume da caminhada da Igreja, sobretudo no que se refere à evangelização do mundo moderno. Era necessário refletir sobre a sua própria natureza e a abertura ao diálogo com as outras religiões. O espírito ecumênico que informou o Concílio, como tela de fundo, se viu favorecido pelo desenvolvimento, nos últimos 50 anos, das ciências bíblicas. O redescobrimento do hebraico, como língua atualizada, fez com que se retomasse, com maior precisão, o sentido profundo dos ensinamento de Jesus - por sua vez redescoberto como “nascido do seu Povo”. O “background” da reunião foi iluminado, também, pelo “Movimento Ecumênico”, propriamente dito, dos Cristãos entre si, começado oficialmente, entre as Igrejas protestantes, em 1910, dando

origem, mais tarde, ao “Conselho Mundial de Igrejas”, com sede em Genebra (1948). A iniciativa católica, neste sentido, data de 1935, com o Pe. Couturier, que iniciou um diálogo, na França e na Bélgica, que deu origem à “Semana de Oração Pela Unidade dos Cristãos”, vigente até hoje. Dentro deste contexto histórico e desta preocupação interna dos Padres Conciliares, foram surgindo, por inspiração do Espírito Santo, Documentos, Decretos e Declarações, entre as quais aquela que nos referimos hoje, NOSTRA AETATE, que passou, mais tarde, a ser chamada “a Carta Magna do Diálogo Religioso da Igreja com as religiões não-cristãs.”

Voltar a esse momento Conciliar equivale, também, para mim, pessoalmente, o ter participado de uma reunião em Roma, convocada pela Superiora Geral de nossa Congregação, durante a qual tivemos a oportunidade de ouvir palestras de participantes do Concílio, como o Pe. Gregory Baum, Roger Shultz e outros, e de ser testemunha do regozijo pela aprovação, um pouco mais tarde, da Declaração NOSTRA AETATE, em cuja gênese e pela qual havíamos trabalhado, como diz o francês, “entre les coulisses”.